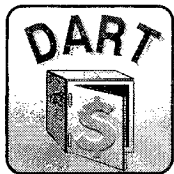


Clã dos Dart jamais emprestou um centavo sequer ao Brasil

SARASOTA, EUA — Ken Dart se gaba de um negócio que define como um dos melhores que já fez: a compra de títulos da dívida externa brasileira no mercado secundário. Ele já ganhou, em dois anos, cerca de US\$ 300 milhões com a valorização dos papéis. Tem em mãos hoje o equivalente a US\$ 1,4 bilhão.



Como se negou a assinar o acordo entre o Governo e a maioria dos credores do país — que prorroga os prazos de pagamento, altera as taxas de juros e prevê ainda uma redução do débito — Ken poderia a qualquer momento reclamar o que lhe devem, pelo valor nominal, com base nas regras anteriores. Mas ele parece satisfeito com a situação. Aborrecido com as versões espalhadas pelos banqueiros, o bilionário decidiu pôr o assunto em pratos limpos, numa raríssima entrevista — a segunda de sua vida, dada a Dominic Bencivenga, do “Sarasota Herald-Tribune”. Ele disse que, por enquanto, manteria os papéis brasileiros em seus cofres.

— O Governo brasileiro está fazendo os pagamentos parciais dos juros direitinho — disse.

A família Dart jamais emprestou um tostão ao país. Tornou-se credor do Brasil especulando, como qualquer outro investidor. Ao perceber o seu interesse, o Governo manteve contatos com ele. Chegou-se até a pensar numa negociação à parte, mas os grandes banqueiros profissionais minaram essa rota.

— Ken Dart deu sempre a impressão de que pensava a longo prazo. Citava o programa de privatização, insinuando que poderia vir a adquirir alguma estatal, num leilão, pagando com os títulos da dívida — confidenciou ao

GLOBO um ex-integrante de uma das equipes negociadoras do Ministério da Fazenda, que teve contatos diretos com Dart.

Os grandes banqueiros, porém, esnobaram a família. Embora ela seja o quarto maior credor, num grupo de quase 800, eles não lhe garantiram um lugar no comitê assessor de bancos credores do país. Ken ficou magoado com o desprezo, segundo contou seu gerente de investimentos, Frederick Abendroth.

O próprio Ken insistiu, recentemente, que entendia a posição dos banqueiros, mas lamentava

ter sido pintado por eles como um vilão que ameaçava o negócio. Os calejados banqueiros, afirmou o empresário, fizeram um mau negócio:

— Simplesmente acho que eles não estão conduzindo os negócios de forma consistente e tampouco honesta. Mas eles têm a sua opinião e a habilidade de usar os meios de comunicação e a opinião pública. São os grandes contra os Darts, e isso é uma história interessante, não é? Só que eles pensavam que martelando 449 vezes a posição deles, eu mudaria a minha — comentou Dart.

Seu primo banqueiro, Rollin Dart, que não tinha nada a ver com a negociação, não se surpreendeu com a posição da família:

— Ela sempre foi altamente competitiva. Os Dart lutam até a morte por um ponto de vista.

William Dart, o patriarca, explica o estilo de outra forma:

— Dizem que somos duros. Na verdade somos consistentes.

Ken resume a sua linha de ação de forma sucinta e ainda mais reveladora:

— Pode haver 99 pessoas pensando de uma maneira, e apenas uma pensando de forma diferente. Mas isso não significa que aquelas 99 estejam certas. (J.M.P.)